

Ceticismo e o problema da Morte

Objetivo: Este trabalho visa tratar do problema da morte no Ceticismo. Partindo da premissa de que o ceticismo não formula juízos, podemos dizer que essa escola helenística não estabelece uma filosofia tanatológica. Entretanto, veremos que o ceticismo, por se ater aos fenômenos, afirma conceitos provisórios, possibilitando a enunciação de determinado pensamento sobre determinado assunto. Como não há muitas referências diretas no Ceticismo Antigo sobre o problema da morte, tratarei também de Montaigne – considerado por muitos comentadores como um dos pioneiros na retomada do ceticismo antigo no contexto moderno.

1. Noções Céticas

O ceticismo possui alguns termos básicos para a compreensão de seu sistema filosófico – se é que podemos falar de um “sistema” no ceticismo. *Zetésis*, *diaphonia*, *isosthenia*, *epoché*, *ataraxia* e *eudaimonia* constituem o cerne de toda filosofia cética.

Sexto Empírico em suas *Hipotiposes Pirrônicas* define o ceticismo: “A atitude cética recebe o nome de *zetética* (investigadora) devido à sua atividade de investigação e indagação, *efética* (suspensiva) pela disposição de ânimo que se produz depois da investigação em quem investiga, *aporética* por seu hábito de duvidar e investigar tudo, como dizem alguns, ou por sua indecisão a respeito do assentimento ou da negação, e *pirrônica* porque nos parece que Pirro se entregou ao ceticismo de forma mais conscientizada e mais manifesta que os que o precederam.” (HP I, 1-4 e 7)

Todo este movimento cético esboçado por Sexto visa alcançar a *ataraxia*, ou seja, a imperturbabilidade, que por sua vez é garantia da *eudaimonia* (felicidade). Contudo, para alcançar essa *eudaimonia*, o cético precisa lidar com o problema do critério, que está inscrito na *isosthenia* (equilíbrio ou igual força lógica).

2. Problema do Critério

A tarefa do ceticismo é a *antirrhexis*, ou seja, a refutação do dogmatismo. Em sua busca, o cético percebe a pretensão dos dogmáticos ao enunciarem verdades absolutas sobre a realidade das coisas e do ser. O cético, portanto quer combater essa pretensão justamente por perceber que entre as filosofias e entre aqueles que enunciam tais verdades há um problema de critério, que é fruto da *isosthenia*: à uma razão dogmática outra razão, de igual peso e força argumentativa, pode se contrapor. Sendo assim, qual o critério que um indivíduo deve usar para escolher uma razão em detrimento da outra?

Brochard demonstra a argumentação cética:

“A própria idéia de critério não pode ser entendida. Aqueles que se julgam em posse de um critério o afirmam sem demonstração? Com igual direito se poderá opor-lhes uma asserção contrária. Oferecem uma demonstração? Para julgar seu valor, será necessário um critério sobre o qual todo mundo esteja de acordo: mas este critério não existe. Como todos aqueles que crêem ter um critério estão em desacordo entre si, será necessário um critério para adotar a opinião de uns e rejeitar a dos outros. Se esse critério é diferente de todos aqueles que se propõem, ele mesmo será colocado em questão: ora, o

que tem necessidade de prova não poderia servir para provar. Se ele estiver de acordo com um deles, terá, como ele, necessidade de ser justificado, por conseguinte, não será um critério.”¹

Diante dessa argumentação, o cético é questionado pelos dogmáticos: Não seria, essa afirmação cética uma espécie de dogmatização? Não seria uma tentativa de estabelecer um critério (critério cético) que julga todos os demais critérios (critérios dogmáticos), excluindo a si mesmo? Sexto Empírico responde à essas perguntas na passagem XI do livro I das *Hipotiposes*:

“Que aderimos às aparências está claro pelo quê dizemos sobre o Critério da Escola Cética. A palavra “Critério” é usada em dois sentidos: em um significa o ‘padrão regulador da crença na realidade ou irrealidade’, (e isto devemos discutir em nossa refutação); no outro denota o padrão de ação conforme o qual, na conduta da vida, realizamos algumas ações e abstermo-nos de outras; e é do último que estamos agora falando. O critério, então, da Escola Cética é, dizemos, a aparência, dando este nome ao que é virtualmente a apresentação sensível. Pois, tendo em vista que esta se fundamenta em sentimento e afecção voluntária, não está aberta a questionamentos. Consequentemente, ninguém, suponho eu, disputa que um objeto subjacente tenha esta ou aquela aparência; o ponto em disputa é se o objeto é em realidade tal qual parece ser. Aderindo, então, às aparências vivemos de acordo com as regras da vida, sem dogmatizar, tendo em vista que não podemos permanecer totalmente inativos”.

3. Inteligibilidade da noção de Morte

As filosofias tanatológicas, assim como todas as demais filosofias, não resistem ao exame do critério que os céticos propõem. Em seu tratado *Contra os Físicos*, Sexto aborda rapidamente o problema do nascimento e da morte. Nas palavras de Brochard:

“Finalmente, não se pode compreender o nascimento e a morte. O que nasce é o que existe ou o que não existe, mas o que existe não precisa nascer, e ao que não existe não se pode atribuir nenhuma qualidade. Da mesma maneira, uma coisa não pode nascer nem do que existe, nem do que não existe. As mesmas razões mostram a impossibilidade da morte.”

➤ Morte e Ceticismo?

Como vista acima, o critério do ceticismo é o *fenômeno*. Podemos dizer então, que o critério para o cético é aquilo que lhe aparece tal como está aparecendo-lhe agora. O cético jamais fala senão para si mesmo e cada uma dessas fórmulas subentende: *ao que me parece*. (HP I, 202). Portanto, o cético sempre expressará o caráter *subjetivo* em que se encontra: não afirmando nada que está fora dele, e não afirmando nada de caráter universal ou geral.

¹ Brochard, V. *Os céticos gregos*; trad. Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009. P. 341

4. Ceticismo de Montaigne

Segundo José Raimundo M. Neto, “*não há ceticismo moderno ou contemporâneo que possa ser incluído nas tradições antigas pirrônicas ou acadêmicas sem solução de continuidade embora seja possível (...) a identificação de afinidades entre ceticismos antigos e modernos*”.

No entanto, Montaigne é um filósofo renascentista cujo ceticismo se aproxima do ceticismo das antigas escolas filosóficas por seu caráter *ético*, ou seja, por ter uma concepção de filosofia como *forma de vida*. Para nosso filósofo, o ceticismo tinha um caráter eminentemente prático – assim como o ceticismo dos antigos.

Em seus *Ensaaios*, Montaigne afirma:

“O homem não pode querer julgar o todo que o abarca, dado que é apenas uma ínfima fração dele e que sua própria razão, como tudo o que se situa na esfera sublunar, sofre a influência dos astros. Nada garante que a posse da razão confira ao homem uma posição privilegiada no universo: se nossa experiência particular nos mostra como os únicos seres racionais, isso não constitui uma prova de que os astros não sejam também dotados de razão e ocupem, portanto, uma posição superior.” (Ensaaios. Livro II, 6, 452)

Por mais que nesta passagem Montaigne tenta enfatizar a imensidão dos astros, e a pequenez do homem diante deles, nossa intenção é observar nela os traços céticos de sua argumentação. “*O homem não pode querer julgar...*”, “*Nada garante...*”, “*...isso não constitui uma prova...*”. A própria forma com que escreve os Ensaaios denota a predileção de Montaigne pelo ceticismo do que por outra postura filosófica.

Erich Auerbach em seu artigo “O escritor Montaigne” afirma que, entretanto, falar de uma filosofia em Montaigne é um equívoco, pois não há sistema algum, não há uma validade objetiva. Quando o filósofo de Bordeaux escreve, assim o faz para si mesmo, valendo apenas para ele. Para Auerbach “*falta-lhe uma orientação racional unitária*”. Que ao que vejo, constitui uma característica do ceticismo.

Seja como for, o único objeto de Montaigne é si mesmo, e “*seu único fito é aprender a viver e a morrer – isso é o mais importante, pois para ele quem aprendeu a morrer sabe também como viver*”.

5. “Que filosofar é aprender a morrer”

Este ensaio é um dos mais conhecidos de Montaigne. Nele, o filósofo de Bordeaux, desenvolve uma de suas maiores preocupações: *morrer bem*. Através de vários exemplos e de argumentos Montaigne demonstra o caráter inevitável e imprevisível da morte. “*Montaigne parece chegar a um acordo com sua melancolia, agora, de certa forma, minimizada. Continua preocupado com o medo da morte – medo do lancinante ato de morrer.*” (Auerbach)

➤ **Aprendizado da morte**

“Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. É assim porque, de certo modo, o estudo e a contemplação retiram nossa alma de nós e a ocupam separada do corpo, o que constitui certo aprendizado da morte e sem semelhança com ela; ou então, é porque toda sabedoria e a razão do mundo se concentram, afinal, nesse ponto de nos ensinar a não ter medo de morrer. Na verdade, ou a razão está escarnecendo de nós ou seu objetivo deve ser apenas nosso contentamento, e todo o seu trabalho deve tender, em suma, a fazer-nos viver bem e a nosso gosto, como dizem as Sagradas Escrituras. Todas as opiniões do mundo chegam à conclusão de que o prazer é nosso objetivo, conquanto que adotem meios diversos; do contrário as rejeitaríamos de início. Pois quem escutaria aquele que estabelece como objetivo nosso pesar e sofrimento? As dissensões das escolas filosóficas, nesse caso, são verbais.”

➤ **Virtude, desprezo e a inevitabilidade da morte**

“A felicidade e a beatitude que reluzem na virtude preenchem todas as dependências e avenidas, da primeira entrada até sua última barreira. Ora, um dos principais benefícios da virtude é o desprezo pela morte, o que à nossa vida a mansa tranqüilidade, dá-nos seu gosto puro e benfazejo sem o qual todo outro prazer está extinto. Eis porque todas as regras se encontram e convêm a esse item. E embora todas também nos levem, de comum acordo, a desprezar a dor, a pobreza e outros infortúnios a que a vida humana está sujeita, não é uma preocupação do mesmo tipo, tanto porque esses infortúnios não são necessários (a maioria dos homens passa a vida sem experimentar a pobreza, e ainda outros sem o sentimento de dor e de doença, como Xenófilo, o Músico, que viveu 106 anos em perfeita saúde) como também, no pior dos casos, a morte pode pôr fim e atalhar, quando nos aprouver, todos os outros infortúnios. Mas, quanto à morte, é inevitável. (...) E, por conseguinte, se ela nos amedronta, é um contínuo motivo de tormento que nada consegue aliviar. Não há lugar onde ela não nos venha. Podemos virar incessantemente a cabeça para cá e para lá, como em terra suspeita:

quae quae saxum Tantalos Semper impendet.

[ela é como o rochedo sempre suspenso sobre Tântalo.] (Cícero, De finibus, I, XVIII, 60)”

➤ **Reações diante da morte**

“A morte é o fim de nossa caminhada, é o objeto necessário de nossa mira; se nos apavora, como é possível dar um passo à frente sem ser tomado pela ansiedade? O remédio do vulgo é não pensar nela. Mas de que estupidez brutal pode vir cegueira tão grosseira? (...) Amedrontamos nossa gente só em mencionar a morte, e a maioria se persigna, como diante do nome do diabo. E porque ela é feita menção nos testamentos não espereis que aí ponham a mão antes que o médico tenha comunicado tal sentença. E, então, Deus sabe com que bom julgamento, entre dor e pavor, as pessoas hão de prepará-lo. Porque essas sílabas

atingiam muito rudemente seus ouvidos, e porque essas palavras lhes parecia de mau agouro, os romanos aprenderam suavizá-la ou diluí-las em perífrases. Em vez de dizer 'ele morreu', dizem 'ele parou de viver', ou 'ele viveu'. Consolam-se, contanto que seja vida, ainda que passada."

➤ **Surpreendido pela morte**

"Quantos modos de surpreender tem a morte?"

Quid quisque vitet, nunquam homini satis

Cautum est in horas.

[Jamais o homem se protege o suficiente, de hora em hora, do perigo a evitar.] (Horácio, Odes, III, XIII, 13-4)

De nada adiantou a Ésquilo, ameaçado pela queda de uma casa, ficar em alerta, pois ei-lo abatido por uma carapaça de tartaruga, que escapou das patas de uma águia no ar; (...) e Aufídio, por ter se chocado, ao entrar, contra a porta da Câmara do Conselho; (...) E com Caio Júlio, médico que passava unguento nos olhos de um paciente, eis que a morte fecha os seus. E se devo me intrometer, um irmão meu, o capitão Saint-Martin, que já dera excelentes provas de seu valor, ao jogar pela recebeu, na idade de 23 anos, uma bolada que o acertou um pouco acima da orelha direita, sem nenhuma aparência de contusão ou ferimento; nem se sentou nem repousou, mas cinco ou seis horas depois morreu de uma apoplexia causada por esse golpe. Com esses exemplos tão frequentes e tão triviais nos passando diante dos olhos, como é possível conseguirmos nos desfazer do pensamento da morte, e que a cada instante não nos pareça que ela nos agarra pela gola?"

➤ **O "preparar-se"**

"Uns vão, outros vêm, trotam, dançam, e sobre a morte nenhuma palavra. Tudo isso é muito bonito, mas quando ela chega (...) que tormentos, que gritos, que fúria e que desespero os dominam? Já vistes um dia alguém tão cabisbaixo, tão mudado, tão confuso? É preciso prepara-se para ela mais cedo. (...) Se a morte fosse um inimigo que se pode evitar, eu aconselharia empregar as armas da covardia: mas já que não se pode, já que ela vos agarra, tanto ao fugitivo e ao poltrão como ao homem de honra; (...) aprendamos a arrostá-la de pé firme e a combatê-la. E para começar a tirar-lhe sua grande vantagem sobre nós, tomemos um caminho totalmente oposto ao comum. Tiremos-lhe a estranheza, frequentemo-la, acostumemo-nos com ela, não tenhamos nada de tão presente na cabeça como a morte: a todo instante a representemos em nossa imaginação e em todos os aspectos. No tropeção do cavalo, na queda de uma telha, na menor picada de alfinete, repisemos subitamente: pois bem, e se fosse a própria morte? E diante disso nos enrijeçamos e nos fortaleçamos. (...) É incerto onde a morte nos espera, aguardemo-la em toda parte. Meditar previamente sobre a morte é meditar previamente sobre a liberdade. Quem aprendeu a morrer, desaprendeu a se

subjulgar. Não há nenhum mal na vida para aquele que bem compreendeu que a privação da vida não é um mal. Saber morrer liberta-nos de toda sujeição e imposição. (...) Por mim mesmo, não sou melancólico mas sonhador: não há nada de que me haja ocupado desde sempre como dos pensamentos sobre a morte, e até na época mais licenciosa de minha vida, ‘Quando minha idade em flor vivia sua doce primavera’.”

➤ **A experiência da morte e o sujeito**

“Hão de me dizer que a realidade da morte ultrapassa de tão longe o pensamento que não há esgrima, por mais bela, que não se perca quando chega lá: deixai-os falar; a meditação previa proporciona, sem dúvida, grande vantagem. E depois, já não significa bastante chegar lá sem vacilação e sem inquietação? Há mais: a própria Natureza nos estende a mão e nos dá coragem. Se é uma morte curte e violenta, não temos tempo de temê-la; se é outra, percebo que à medida que me afundo na doença caio naturalmente em certo desdém pela vida. Creio que tenho bem mais dificuldade em digerir essa aceitação de morrer quando estou com saúde de que quando estou com febre, mais ainda porque já não me apego tanto às comodidades da vida, e desde que começo a perder seu uso e seu prazer tenho da morte uma visão de muito menos horror. (...) verifiquei que, saudável, tinha muito mais horror às doenças do que quando as senti. (...) Mas conduzidos pela mão da natureza, por uma suave ladeira e como que insensível, pouco a pouco, de degrau em degrau nos envolvemos nesse estado miserável a que nos acostumamos, assim como não sentimos nenhum abalo quando a juventude morre dentro de nós, o que, no fundo e na verdade, é morte mais dura que a morte completa de uma lida languesciente e que a morte de velhice. Tanto mais que o salto do mal existir para o não existir não é tão árduo como aquele de uma existência suave e florescente para uma existência penosa e dolorosa. (...) Que tolice nos atormentarmos no momento em que se dá a passagem à isenção de todo tormento! Assim como nosso nascimento nos trouxe o nascimento de todas as coisas, assim nossa morte trará a morte de todas as coisas. Por isso é igualmente loucura chorar porque daqui a cem anos não viveremos mais, assim como chorar porque não vivíamos há cem anos. (...) A mesma passagem que fizestes da morte à vida, sem paixão e sem temor, refazei-a da vida à morte. (...) A existência de que desfrutais é igualmente dividida entre a morte e a vida. O primeiro dia de vosso nascimento vos encaminha para morrer como para viver.

Prima, quae vitam dedit, hora, carpsit.

[A primeira hora que nos deu a vida tomou-a de nós.] (Sêneca, Hércules furioso, II, 874)”

➤ **Como não temer a morte?**

Montaigne afirma constantemente que deve-se aprender a morrer, pois isto constituiu um “*aprender a viver*”. Esboça argumentos sobre a virtude e de como um

homem virtuoso é aquele que aprendeu a morte. Mostra-nos o caráter inevitável da morte e a reação de muitos diante dela. Após vários exemplos de como a morte pode nos surpreender, Montaigne chama nossa atenção para a necessidade de nos preparar para a morte. Contudo, para nos prepararmos é preciso que entendamos o que é experimentar a morte e o papel do sujeito nesse *experencialismo*. Ora, depois de todo este movimento, restou ao nosso filósofo nos ensinar como não temer a morte.

Eis o que ele nos ensina:

“Tudo o que viveis estais roubando da vida: e às expensas dela. A contínua obra de vossa vida é construir a morte. Estais na morte enquanto estais em vida, pois estais depois da morte quando não estais mais em vida. Ou se assim preferis, estais morto depois da vida, mas durante a vida estais morrendo, e a morte toca bem mais brutalmente o moribundo que o morto, e mais viva e mais essencialmente. Se da vida tiraste proveito, estais saciado; ide-vos satisfeito. (...) A vida não é em si nem um bem nem mal: nela o bem e o mal têm o lugar que lhes dá. E se viveste um dia, viveste tudo: um dia é igual a todos os dias.

(...)

Nam tibi praeterea quod machiner, inveniamque

Quod placeat, nihil et, eadem sunt omnia semper.

[Pois não há nada que eu ainda possa fabricar e inventar que te agrade; são sempre as mesmas coisas.] (Lucrecio, III, 944.5)

Cedei lugar aos outros, como outros vos sucederam. (...) Assim, por mais que viverdes, não suprimireis nada do tempo durante o qual estareis morto: nada adianta; estareis naquele estado que temeis por tanto tempo como se tivésseis morrido ainda bebê. (...) E ainda hei de vos pôr em tal situação que não tereis nenhum descontentamento.

“In vera nescis nullum fore morte alium te,

Qui possit vivus tibi te lugere peremptum,

Stansque jacentem.

[Não sabes que não haverá na verdadeira morte um outro tu mesmo que, vivo e em pé, te possa chorar morto e jacente?] (Lucrecio, III, 885-7)

(...)

A morte é menos temível do que nada, se houvesse alguma coisa menos que nada, (...) Ela não nos diz respeito nem morto nem vivo. Vivo, porque existis; morto, porque não existis. (...) Onde quer que a vossa vida acabe, ela está toda aí. A utilidade do viver não está na duração: está no uso que dele fizemos. (...) Ter vivido bastante está em vossa vontade, não no número dos anos. (...) Não há

caminho que não tenha seu fim. E se a companhia pode consolar-vos, sabeis que o mundo vai na mesma marcha que vós.

Omnia te vita perfuncta sequentur.

[Todas as coisas te seguirão na morte.] (Lucrecio, III, 968)

(...)

Ainda que vosso tempo não esteja concluído, vossa vida está. Um homem pequeno é um homem completo, assim como um grande. Nem os homens nem suas vidas se medem em varas. Quíron, informado das condições da imortalidade pelo próprio Deus do tempo e da duração, Saturno, seu pai, a recusou: com efeito, imaginai como uma vida perpétua seria menos suportável para o homem e mais sofrida do que é a vida que vos dei. Se não tivésseis a morte, me amaldiçoareis sem cessar por dela vos ter privado. (...) Por que temeis vosso último dia? Ele não conduz à vossa morte mais que cada um dos outros. (...) Todos os dias levam à morte: o último a alcança. (...) Ora, muitas vezes pensei por que o rosto da morte, se o vemos seja em nós seja em outro, nos parece sem comparação menos assustador nas guerras do que em nossas casas, do contrário seria um exército de médicos e chorões; (...) Na verdade, creio que são esses semblantes e as cerimônias assustadoras de que nos cercamos que nos amedrontam, mais que ela: uma forma totalmente nova de viver; os gritos das mães, das mulheres, e das crianças, a visita de pessoas emocionadas e transidas, a presença numerosa de criados pálidos e chorosos, um quarto sem luz, velas acesas, nossa cabeceira invadida por médicos e pregadores, em suma, todo horror e o pavor em torno de nós. Eis-nos já sepultados e enterrados. As crianças têm medo até de seus amigos quando os vêem mascarados; nós também. É preciso tirar a máscara tanto das coisas como das pessoas. Quando for retirada, só encontraremos embaixo essa mesma morte pela qual um criado ou uma camareira passaram ultimamente sem medo. Feliz a morte que não deixa tempo para os aprestos de tal viagem.”

Bibliografia

MONTAIGNE, Michel. *Os ensaios: uma seleção*. Trad. Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

EVA, Luiz Antonio Alves. *Montaigne e o Ceticismo na Apologia de Raimond Sebond: a Natureza dialética da Crítica à Vaidade*. Revista Skepsis.

NETO, José Raimundo Maia. *De Montaigne à Pascal: do Fideísmo Cético à Cristianização do Ceticismo*. Revista Skepsis.

BROCHARD, Victor. *Os cétricos gregos*; trad. Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.